

# A ILLUSTRAÇÃO

PARIS

ASSOCIAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 13, QUAI VOLTAIRE  
PARIS

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e correspondências: em Portugal e no Brasil, DAVID CORAZZI, AV. ALFREDO ALVALADE, LISBOA; e no Brasil, na Rua São João, 16, São Paulo. *TOQUE DE REFORÇO*  
Pela deputação de Paris, 10 francs.

7.º ANNO — VOLUME VII. — N.º 16

PARIS 20 D'AGOSTO DE 1890

Gestante em Portugal e Brasil: DAVID CORAZZI.

PORUGAL

DAVID CORAZZI, 43, RUA DA ATALAIA, LISBOA

ASSINATURAS:

ANNO	3.400 REIS
PARIS	1.200 —
TOQUE DE REFORÇO	600 —
AV. 16	150 —



UM ESCRITÓRIO PÚBLICO EM HESPAÑA.

Quadro de José António Pinto.



## CHRONICA

### EM CINTRA

**S**OCEGUEM, leitores!...

Não é meu intento fallar-lhes, nem das frescuras de Cintra, nem da opulenta vegetação, nem das águas correndo e cantando sob misteriosas folhagens, nem do castello recordando no azul puríssimo a sua carcassa medieval, nem em nenhum d'esses terríveis lugares communs da admiração e da literatura indígenas, — de cada vez que um plu-míto lisboeta troca os horizontes da *Havancita*, pelo horizonte que se descobre do alto dos Seteias...

Deixemos em paz Cintra — a Cintra pitoresca e graciosa, como qualquer montanha das bandas da Escócia, collocada pelo Supremo Arquitecto ás portas de Lisboa, para pasmo de poetas e deleite de bons burgueses; deixemos Cintra em paz, e deixemos também em paz a rhetorica.

Entremos no Eden, e digamos francamente o que falta a este Eden, para que seja um sofrível Paraíso de 1.ª classe.

• •

Cintra continua sendo inhabitável!...

Se eu dissesse semelhante cousa, em Cintra, no meio da praça, diante dos velhos apaixonados e frequentadores de Cintra, — mettiam-me na cadeia.

Digo-o nas columnas da *ILLUSTRAÇÃO*, onde o perigo é menor; mas digo-o para ver se convenço algum misterioso industrial a fazer uma fortuna, dotando Cintra de pequenas cousas que a tornarão um Eden suficientemente habitável, dentro de muito pouco tempo.

Ora ouçam...

• •

N'um local de verão, como é Cintra, a uma hora d'uma capital com poucos ou nenhumas arrabaldes, — a população divide-se em duas categorias: população *residente* e população *fluctuante*.

Antigamente só havia em Cintra a população *residente*, a gente rica em villegiatura, tendo ali as suas casas de campo. A população *fluctuante* era insignificante, por causa não tanto da longa viagem em trem, mas por que um passeio a Cintra custava logo, só de carro, 6.000 reis. Juntem-lhe a ladroeira dos hoteis; e só podia ir a Cintra o príncipe de Gales, ou o sr. Montiço dos Milhões, ou o sr. Marquez de Franco.

E conta-se até que uma vez, quando este sr. marquez ainda era apenas visconde, S. Ex. quisera ir ao Eden. E tivera de ficar na Porcaina, sem recursos monetários, para continuar tão dispendiosa viagem.

A isto juntava-se o costume que tinham certos cocheiros de se embruchar pelo caminho; depois embirrar com o freguez quando este ouvia alguma reflexão; de modo que o passageiro entrava geralmente em Cintra, tendo sido previamente tosado pelo cocheiro.

Cintra, antes do caminho de ferro, o menos que custava a quem lá ia de passeio, para gosar do fresco, ou para jantar em *tête-à-tête* com alguma morenha do vizinho reino — era um conto de reis e uma carga de pau.

Quando se não apanhava a carga de pau irracional — gastavam-se dois contos...

E ainda se ficava a dever cem mil reis ao Victor!

• •

Hoje temos o caminho de ferro que n'uma hora nos põe em Cintra, custando ida-e-volta mil reis, dentro d'uma luxuosa carruagem de 1.ª classe, como se não encontrá melhor lá fora...

Digo lá fora, para não perder o bom costume indígena, de procurar sempre comparações e referências ao que ha lá fora.

A mania do indígena é fazer tudo quanto se faz lá fora. E graças a esta mania, que nós andamos a macaquear tudo quanto de mau ha lá por fora, sem importarmos uma só das manifestações de bom senso e de bom gosto que constituem o encanto dos países lá fora.

E por isso que me é consolador afirmar que a linha de Lisboa a Cintra é tão boa como a que ha lá fora, de Paris a Saint-Germain, e que as carrangens de 1.ª classe são mais luxuosas que todas quantas lá fora existem.

• •

Com o caminho de ferro a população *fluctuante* aumentou consideravelmente; e hoje Cintra está destinada a ser mais frequentada que Versailles, Fontainebleau ou Saint-Germain, — porque as portas de Paris contam-se pelo menos vinte sitios qual d'elles o mais pitoresco, para onde a população pode ir passar o domingo, enquanto que ás portas de Lisboa não ha senão Cintra.

Sómente o Eden lisboeta não tem attractivos suficientes.

Em qualquer Eden dos tempos modernos, a Natureza não basta.

Se Adão e Eva agora ressuscitassem, imaginam que poderiam andar por Cintra, além de nus, consolados com a frescura do ar e com as maravilhas da natureza?...

O Adão 1890 difere radicalmente em aspectos do Adão bíblico. Precisa de conforto, de comodidades, de luxo e de distrações mais que as bucólicas.

1890 já se não contenta, nem com a luz da lua, nem com os trinados do rouxinol.

A luz da lua só a supporta, entre uma partida de bilhar ou uma partida de baccarat.

Assim é o fim-de-século!

• •

Para que Cintra seja um Eden apresentável precisa:

1.º D'um restaurante collocado n'um ponto da serra, donde se gose, comendo, de todo o panorama.

2.º D'um hotel-casino, onde ha noite se possa ler, jogar, dançar e ouvir boa música.

Enquanto isto não houver, Cintra será intolerável, para quem ali queira passar um dia.

Imaginem o desgraçado que, depois d'uma semana de trabalho em Lisboa em pleno agosto, se lembre de partir no sábado à tarde para Cintra, para de lá voltar na 2.ª feira pela manhã...

Os hoteis são uns buracos, n'uns sitios de Cintra donde nada se vê e onde ninguém respira vontade. N'uma terra onde ha *pontos-de-vista* a dar-lhes com um pau, os hoteleiros tiveram a habilidade de arranjar hoteis encravados em casas tendo como horizonte os muros de outras casas!

Toda a gente é obrigada a ir comer á meia redonda, como em qualquer mau hotel de Lisboa.

E apenas cai a noite, tudo parou, tudo morreu. Não ha um café, não ha um bilhar, não ha nada para onde ir passar innocentemente uma hora, jogar, ver jogar, ouvir música, dançar ou ver dançar, como sucede em toda a parte.

De sorte que apenas se acaba de jantar, o terror invade-nos; e deita-se a correr para a estação, para apanhar o comboio para Lisboa.

Porque ao menos em Lisboa temos o *Gremio* e mais o *Martinho*.

• •

Pelo amor de Deus, civilisem Cintra.

MARIANO PINA.



## ANTHOLOGIA

*Quem sou eu que assim vivo desciudadão?*  
*Quem sou eu, que não vivo arrependido?*  
*Quem serei, que não ando apercebido?*  
*Não sei donde irei dar tão mal parado.*

×

*Fui quem não foi; do nada fui formado,*  
*Sou quem não sou, sou nada conhecido;*  
*Serei quem for a nada reduzido,*  
*Que enfim lá vae para todo o creado.*

×

*Sopro fui, vento sou, e heide ser vento,*  
*O sopro é não; o vento causa errada;*  
*Mentira a vida, e nada o pensamento.*

×

*Emfim, que eu fosse sombra respirada,*  
*Ou seja, ou venha a ser algum momento,*  
*Nada fui, nada sou e heide ser nada.*

ANONYMO.

(Escola quinhentista).



## O INFANTE D. HENRIQUE

I

Das figuras heroicas do passado,  
Dos que — na photosfera rutilante,  
Onde se expande o voo equilibrado  
Da legião gloriosa, triunfante,  
Que no solo da patria, bem amado,  
Deixou bem fundo, o rasto de gigante,  
Destacaram, d'entre a chusma dos heroes,  
Como, da poeira astral, os grandes soes;

II

D'esses que formam — almas desfraldadas  
Pelo profundo ceu do pensamento —  
Como que as pregas ideias, sagradas,  
Do pavilhão da patria, arfundão venio,  
E a cuja sombra, em horas enluctadas  
De taciturno, amargo desalento,  
Ou nos dias de gloria e brilho novo,  
Se acolhe e retempera a alma do povo :

III

D'esses — é elle um dos maiores! Alto,  
Tão alto, que, lançando o olhar seguro  
Por sobre o fragoroso, horrido assalto  
Das ondas bravas d'esse mar escuro,  
Povoado de monstros de basalto,  
De tetricas visões, cujo esconjuro,  
Vociferando lugubres presagios,  
Só prometia mortes e naufragios;

IV

Viu, para além do portico cerrado,  
Que aferrolhava o Oceano Tenebroso  
E a cujo limiar, nunca violado,  
Séculos de terror prodigioso,  
D'universal delírio, horror sagrado,  
Empedrados de assombro angustioso,  
Tinham quedado — estátuas de vencidos,  
Laocoones, de phantasmas recingidos;

V

Viu, atraeve da noite inconstellada  
Que recobria o abysmo negrejante,  
Onde o clarim alpestre da alvorada  
Não despertaria nunca um echo errante,  
Onde a equebra campina, ora coalhada,  
Ora em cachões desfeita e fumegante,  
Exhalava lethíferos vapores,  
Bafo imundo de monstros bramidores :

VI

Viu — fluctuando em ondas remansosas,  
Como em ninho de espumas conchegadas,  
Umas como que terras misteriosas,  
Ilhas talvez, decerto afortunadas,  
Na corrente das aguas murmurosas  
Para o berço do sol talvez levadas...  
E atraç d'essa dulcissima visão  
Lum-se-lhe alma, vida, coração!

VII

De pé, na aguda escarpa do rochedo  
De que fizera abrigo solitário,  
Que mai disserais aspero degrado  
Ou retiro de monge visionário,  
Ou julgareis — talhada no fraguedo —  
Phantastico navio temerario,  
Impaciente que bata a sua hora  
Por fazer-se de vela, sem demora;

## VIII

Pelo silencio calmo, grato à mente  
Que os problemas eternos ve, medita,  
— Busca, ancioso, de Sagres o vidente,  
Ler nas lettras da abobada infinita...  
Os astros interrogão. Do oriente  
Ao poente, na orbita prescrita,  
Vao seguindo, escrutando o rumo variado  
D'esses lumes do immenso lampadario.

MANUEL DUARTE D'ALMEIDA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### UM ESCRIPTOR PÚBLICO EM HESPAÑA

**A** NOSSA gravura é a reprodução d'um delicioso quadriulo que figurou este anno no Campo de Marte (salon Meissauer), e de que é autor um artista hespanhol de raro merecimento, o sr. Jiménez-Prieto.

No agrupamento das figuras e nos detalhes do quadro — posto que preparadinhos do ante-mão — mais uma vez se reconhece esta composição pitoresca e risonha que é tão característica da moderna escola hespanhola, e onde se sente a tradição de Fortuny.

A reprodução é feita pelo nosso ilustre colaborador Ch. Baude.

O seu nome é bastante para termos a convicção de que temos na nossa frente o quadro, sem um erro de detalhe e sem uma falsa interpretação de colorido.

### A MISERIA EM PARIS

Querem saber a causa de tantas revoltas tanto em Paris, como em Londres; de tantos crimes políticos, de tantos clubs anarchistas e comunistas?..

Olhem para esses homens, encostados à muralha do cais d'Orsay, esperando pela hora em que se fax no quartel fronteiro a distribuição da sopa.

Aí está a explicação de tantas revoltas, de tantos odios políticos, de tantos attentados e de tantas associações secretas.

A sua causa — é a miseria, a falta de trabalho, a fome.

Quando os legisladores tiverem estudado o meio de attenuar a miseria das grandes capitais e dos grandes centros industriais e minerais; e de garantir trabalho a todo o operário; e de v'pôr ao abrigo das explorações do capital, — nesse dia desaparecerão os terrores que hoje pesam sobre certos Estados europeus.

Aí h. as revoltas sociais continuarião crescendo, por que são a isso impelidas pela fome.

Felizmente que d'esses males políticos, está por enquanto livre o nosso paiz, porque entre nós — graças a Deus — não ha miseria, ainda se não morre de fome.

### MISS DOROTHY TENNANT

Miss Tennant, uma pintora inglesa distinguida, de quem damos hoje o retrato, é desde o dia 12 de julho findo, a esposa do celebre explorador Stanley.

Miss Tennant pintou há anos o retrato do explorador. E diz-se que foi durante as sessões de pose, que Stanley se enamorou da que é hoje sua mulher.

A cerimónia do casamento, a que assistiu o alto mundo político, científico e aristocrático de Londres, teve lugar na abadia de Westminster.

Miss Tennant é uma linda figura de inglesa, de que falam com grande admiração todos os júris da Europa.

Na cerimónia, os convidados traziam um laço de fitas brancas na botocira, donde pendia um minúsculo mappa d'Africa.

### A MARTINICA

Um medonho incêndio destruiu em fins de junho lindo a cidade de Fort-de-France que é a capital da Ilha Martinica, colônia francesa.

Fort-de-France conta 12.000 habitantes. A cidade é encantadora, admiravelmente situada. Mas desde o tremor de terra de 1839, os habitantes resolvem construir as casas só de madeira. D'abi a medonha extensão que tomou o incêndio a que nos estamos referindo.

Picaram sem asilo 5.000 pessoas. Arderam 1200 casas, e morreram no incêndio 13 pessoas. Tocou-se organizado em França grandes subscrições e festas de caridade, para socorrer as victimas de tamanha calamidade.

### UM NAUFRAGIO

O bello e terrível quadro que hoje oferecemos aos leitores da Ilustração, figurou no Salón de Paris do anno lindo.

É um drama do mar, com todos os horrores, angustias e aencias do naufrágio.

O assumpto tem tocado muito artista, e já não temos conto os quadros que conhecemos tratando todos uma cena de naufrágio.

Apesar disso, o sr. Daurat pintou a sua tela com um vigor e uma mestria notáveis, dando às physionomias expressões admiraveis de verdade dramatica.

### O DIA 14 DE JULHO

O 14 de julho em França é o dia da festa nacional da Republica, porque commemora o 14 de julho de 1789, dia da tomada da Bastilha.

É dia de festa para o povo. E em Paris, no dia 14, armam-se cortes nas praças e nos squares, e as danças ao ar livre duram duas e tres noites.

E o aspecto d'um destes bailes nos bairros populares, o que hoje nos oferece o nosso colaborador Vierge.

### NO VERÃO

O quadro de Roll, o ilustre pintor francês, figura no Salón de Paris de 1889.

E' uma simplicidade e uma frescura incomparáveis. E' quadro para a quadra que atravessamos; é uma actualidade artística do mais subido valor.



### CARTAS DE FRADIQUE MENDES

(A RAMALHO ORTIGAO)

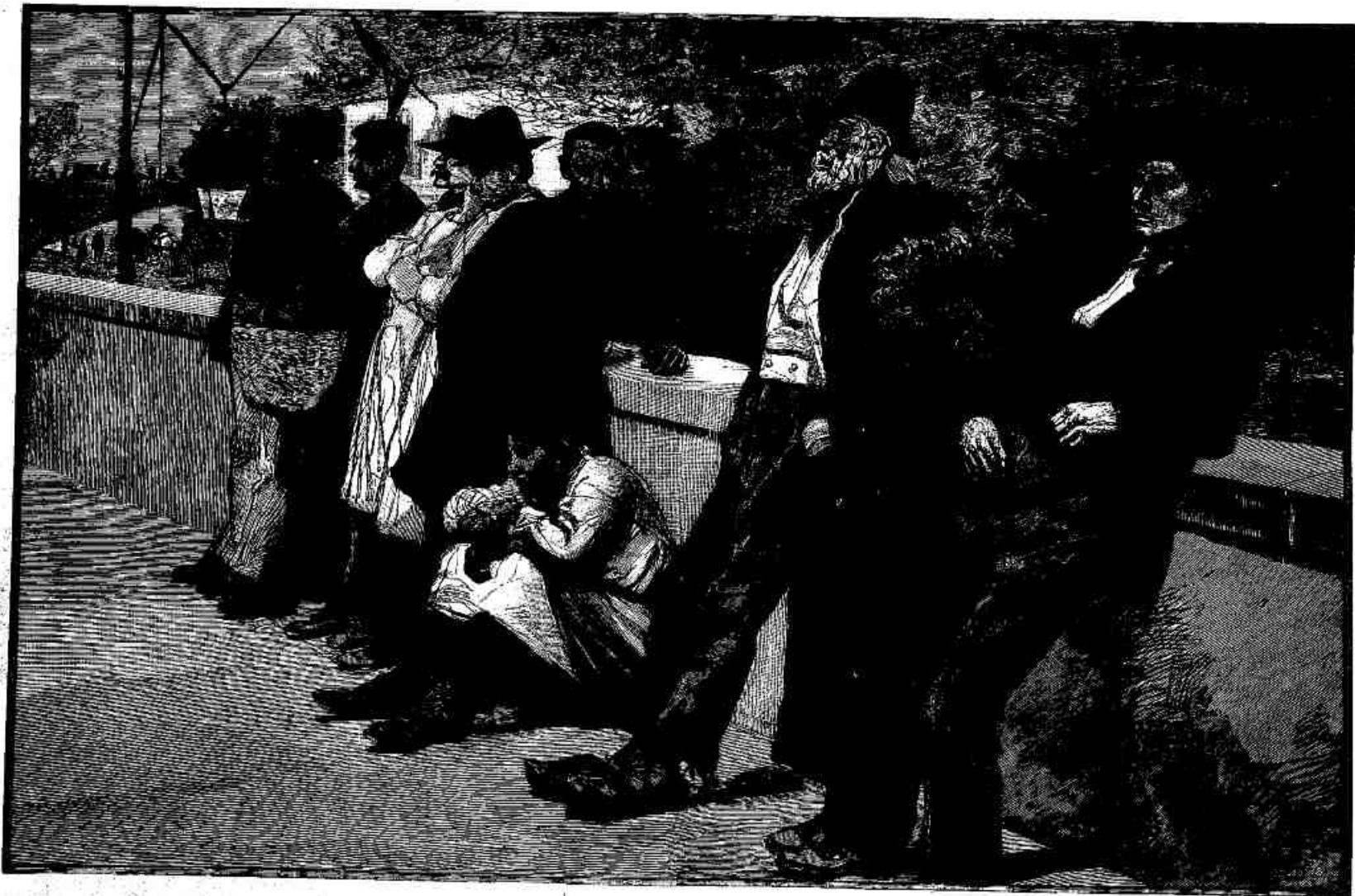
Paris, maio.

**Q**UERIDO RAMALHO. — No sábado, à tarde, na rue Cambon, aviste dentro d'um fiacre o nosso Eduardo, que se arremessou pela portinhola para me gritar: « Ramalho, esta noite de passagem, para a Hollanda! às dez no café da Paz! »

Fico docemente alvorezado; e ás nove e meia, apesar da minha justa re-ugnância pela esquina papalva do café da Paz, li me instalo, com um bock e com o Standard, esperando a cada instante que surja, por entre a turba miuda e molle do boulevard, o esplendor da Ramalhal figura.

Às dez saí d'um fiacre com ariedade o vivaz Carmonde, que abandonara á pressa uma sobremesa alegre pour voir ce grand Ortigão! Começá uma espera a dois, em tédio a dois, com bock a dois. Nada de Ramalho, nem do seu vigo. A's onze aparece Eduardo, esbaforido. E Ramalho? Inedito ainda! Espera a tres, impaciencia a tres, bock a tres. E assim até que o bronze nos souu o fim do dia — como ousava dizer Chateaubriand.

Em compensação um caso, o profundo, Carmonde, Eduardo e eu sorviamos as deradeiras



A MISERIA EM PARIS. — A' HORA DA SÓPA DIANTE DO QUARTEL DO GÁS D'ORSAY.

fezes de bock, já desiludidos de Ramalho e das suas pompas, quando roça pela nossa mesa um sujeito escuro, chupadinho, apuradinho, esticadinho, que traz na mão, com respeito, quasi com religião, um soberbo ramo de cravos amarelos. É um homem d'á-lém dos mares, da República Argentina ou Peruana, e amigo de Eduardo—que o retém e apresenta « o sr. Mendibal ». Mendibal aceita um bock; e eu começo a contemplar em silêncio aquella facesinha toda em perfil, como recortada: uma lâmina de machado, d'uma cúc acobreada, de chapéu vico inglez, onde abarbita rala, hesitante, denunciando uma virilidade frouxa, pareco curvo, um cotão negro, pouco mais negro que a tez. A testa escanteada foge toda para traz, timidamente. O caroço da garganta esguinchada, ao contrário, avança como o esporão d'uma galera por entre as pontas quebradas do collarinho muito alto e mais brilhante que esmalte. Na gravata, grossa perola.



MISS DOROTHY TENNANT, ESPOSA DE STANLEY.

Eu contemplo, e Mendibal fala. Falha num tom arrastado e humido, quasi dolente, em que as sílabas desfalecem, se esvaem em gemido. A voz é certamente triste: — mas, no que diz, revela a mais forte, segura e insolente satisfação de viver. O animal tem tudo: imensas propriedades além do mar, a consideração dos seus fornecedores, uma casa no parque Monceaux, e «uma esposa adorável». Como desliso ele a mencionar essa dama que lhe embelhece olhar? Não sei. Houve um momento em que me ergui, chamado por um velho inglez meu amigo, que passava, recorrendo da Ópera, e que me queria simplesmente segredar que «a noite estava esplendida». Quando voltei á mesa e ao bock, o Argentino encetava em monólogo a glorificação da «sua senhora». Carmonde esquecera o charuto, devorando o homemzinho com olhos que riam e saboreavam, infinitamente divertido. Eduardo escutava com a compostura grave de um português antigo.



MARTINICA. — VISTA GERAL DE FORT-DE-FRANCE, RECENTEMENTE INCENDIADO.

E o Mendibal, tendo posto ao lado, sobre uma cadeira, com cuidados de votos, o ramo de cravos, desfia as virtudes e os encantos de Madame. Sentia-se ali uma dessas admirações effervescentes, borbulhantes, que se não podem retrair, e transbordam por toda a parte, mesmo por sobre as mezas dos cafés; onde quer que passasse aquelle homem iria deixando exalar a sua adoração pela mulher, como um guarda-chuva encharcado vai fatalmente pingando agua. Comprehendi, desde que elle, com um prazer que lhe repuxava mais para fóra o caroço da garganta, revelou que madame Mendibal era francesa. Tinhamos ali portanto um fanatismo de preto pela graça clara e loira d'uma parisiense-sinhá, picante em sedução e figura. Desde que comprehendi, sympathisei. E o Argentino farejou em mim esta benevolência crítica—porque foi para mim que se voltou, lançando o derradeiro traço, o mais decisivo, sobre as excellências de Madame: « Sim, positivamente, não havia outra em Paris! Por exemplo, o carinho com que elle cuidava da mamã (da mamã d'ella), senhora de grande idade, cheia de achaques! Pois era uma paixão, uma delicadeza, uma sujeição... Oh, de cahir de joelhos! Então nos últimos dias a mamã aparecerá não excessivamente rabejenta!... Madame Mendibal até andava palida. Desorte que elle próprio, nesse domingo, lhe pedira que se fosse distrair, passar o dia a Versalhes, onde a mãe d'ella, madame Joubert, habitava por economia. E agora viera elle de a esperar na gare Saint-Lazare. Pois senhores, todo o dia em Versalhes, a santa criatura estivera com cuidado na sogra, cheia de saudades da casa, n'uma ancia de recolher. Nem soubera bem a visita à mamã! A maior parte de tarde, e uma tarde não linda, gastara a reunir aquelle esplendido ramo de cravos amarelos para lhe trazer, a elle! »

— É verdade! Veja o senhor! Este ramo de cravos! Até consola. Olhe que para estas lembrancinhas, para estes carinhos, não ha senão uma francesa. Graças a Deus, posso dizer que acertei! E se tivesse filhos, um só que fosse, um rapaz, não me trocava pelo príncipe de Gales. Eu não sei se o senhor é casado. Perdão a confiança. Mas se não é, sempre lhe direi, como digo a todo o mundo:—Case com uma francesa, case com uma francesa!...

Não podia haver nada mais sinceramente grotesco e mais ingenuamente tocante. Como V. não vinha, fugidio Ramalho, dispersamos. Mendibal trepou para um fiacre com o seu extremoso molho de cravos. Eu arrastei os passos, no calor da noite, até no club. No club encontro Chambray, que V. conhece — o « formoso Chambray ». Encontro Chambray no fundo d'uma poltrona, derredendo e radiante. Pergunto a Chambray como lhe vai a Vida, que opinião tem nesse dia da Vida. Chambray declara a Vida uma delicia. E, imediatamente, sem se conter, faz a confidência que lhe boiava impacientemente no sorriso — e no olhar humedecido.

Fóra a Versalhes, com tensão de visitar os Fouquiers. No mesmo compartimento, com elle, ia uma mulher, *une grande et belle femme*. Corpo soberbo de Diana: n'um vestido collante de Redfern. Cabellos apartados ao meio, grossos e apaixonados, ondulando sobre a testa curta. Olhos graves. Dous solitários nas orelhas. Sér substancial sólido, sem chumaços e sem blagues, bem alimentado, envolto em consideração, superiormente instalado na vida.

E, no meio d'esse respeitabilidade física e social, um geito equivoco de molhar os beijos a cada instante, vivamente, com a ponta da língua... Chambray pensa consigo:— burguesa, trinta annos, sessenta mil francos de renda, temperamento forte, desapontamentos d'alcova. E apenas o comboyo larga, toma o seu « grande ar Chambray », e dardela à dama um desses olhares que eram outr'ora symbolizados pelas

frexas de Cupido. Madame impassível. Mas, momentos depois, vem d'entre as palpebras um pouco pesadas, direito a Chambray que vigiava de lado, por traz do *Figaro* aberto, um desses raios de luz indagadora que, como os da lanterna de Diogenes, procuram um homem que seja um homem. Ao chegar a Courbevoie, a pretexto de baixar o vídro por causa da poeira, Chambray arrisca uma palavra, atrevidamente timida, sobre o calor de Paris. Elle concede outra, ainda hesitante e vaga, sobre a frescura do campo. Está travada a Ecloga.

Em Sucessos, Chambray já se senta na banqueta ao lado d'ella, fumando. Em Sévres, mão de Madame arrebatada por Chambray, mão de Chambray repelida por Madame: — e ambas insensivelmente se entrelaçam. Em Viroflay, proposta brusca de Chambray para darem um passeio por um sítio de Viroflay que só conhece, recante bucolico, de incomparável doçura, inacessível ao burguez. Depois, às duas horas toparam o outro trem para Versalhes. E nem a deixa hesitar — arrebata-a moralmente, ou antes physiologicamente, pela simples força da voz quente, dos olhos alegres, de toda a sua pessoa franca e muscula.

Há os no campo, com um aroma de sciva em redor, e a primavera e Satanaz conspirando e soprando sobre Madame os seus hafos quentes.

Chambray conhece à orla do bosque, junto d'água, uma tavernola que tem as janelas frescamente encaixilhadas em madresilva. Porque não irão lá almoçar uma caldeirada, regada com vinho branco de Suresnes? Madame na verdade sente uma fomesinha alegre, de ave solta no prado: e Satanaz, dando ao rabo, corre adiante, a propiciar as coisas na tavernola. Acham lá, com efeito, uma installação magistral: quarto fresco e silencioso, mesa posta, corinha de cassa ao fundo escondendo e trahindo a alcova. « Em todo o caso que o almoço suba depressa, porque elles têm de partir pelo trem das duas horas — tal é o brado sincero de Chambray! »

Quando chega a caldeirada, Chambray tem uma inspiração genial — despe o casaco, abanca em mangas de cumisa. E um rasgo de bohemia e de liberdade, que a encanta, a excita. Saír a garota que ha quasi sempre no fundo da matrona. Atira também o chapéu, um chapéu de duzentos francos, para o fundo do quarto, alarga os braços, tem este grito d'alma:

— Ah oui, que c'est bon de se déshabiller!

E depois, como dizem os hespanhóes — la mar. O sol, ao despedir-se da terra por esse dia, deixou-as ainda em Viroflay; ainda na tavernola; ainda no quarto; — e outra vez à mesa diante d'um *bifsteak* reconfortante, como os acontecimentos pediam muito logicamente.

Versalhes, esquecido! Tratava-se de voltar à estação, para tomar o trem de Paris. Ella aperta devagar as fitas do chapéu, apinha uma das flores da jauella que mette no corpo, fixa um olhar lento em redor pelo quarto e pela alcova, para tudo decorar e retêr — e parem. Na estação, ao sair para um compartimento diferente (por causa da chegada a Paris), Chambray n'um aperto de mão, já apressado e frouxo, supplicialhe que ao menos lhe diga como se chama. Eila murmura — *Lucie*.

— E é tudo o que sei d'ella, conclue Chambray aceejendo charuto. E sei também que é casada porque na gare Saint-Lazare, à espera d'ella, e acompanhado por um trintanário serio, de casa burguesa, estava o marido... É um *ras-tacuero*, côn de chocolate, com uma barbita rala, enorme perola na gravata... Coitado, ficou encantado quando elle lhe deu um grande ramo de cravos amarelos que eu lhe mandara arranjar em Viroflay... Mulher deliciosa. Não ha se não as francesas!

Que diz V. a estas coisas consideraveis, meu bom Ramalho? Eu digo que, em resumo, este nosso Mundo é delicioso e não ha nos espaços outro mais bem organizado. Porque note V. como no fim d'este domingo de maio, todas estas

tres excellentes criaturas, com uma simples jornada a Versalhes, obtiveram um ganho positivo na vida. Chambray passou por um immenso prazer e uma imensa validade — os dois únicos resultados que elle conta na existencia como proveitos solidos, e valendo o trabalho de existir. Madame experimentou uma sensação nova ou diferente, que a desencervou, e desafogou, lhe permitiu reentrar mais acalmada na monotonia do lar, e ser útil aos seus com rediviva applicação. E o Argentino adquiriu outra inesperada e triunfal certeza de quanto era amado e feliz na sua escolha. Tres ditosos, no fim d'esse dia de primavera e de campo. E se d'aqui resultar um filho (o filho que o Argentino apetece), que herde as qualidades fortes e brilhantemente gâulizas de Chambray, acresce, ao contentamento individual dos tres, um lucro efectivo para a sociedade. Este mundo portanto está superiormente organizado.

Amigo tñ, que felmente o espera à volta da Holland — *Fridigne*.

Eça de Queiroz.



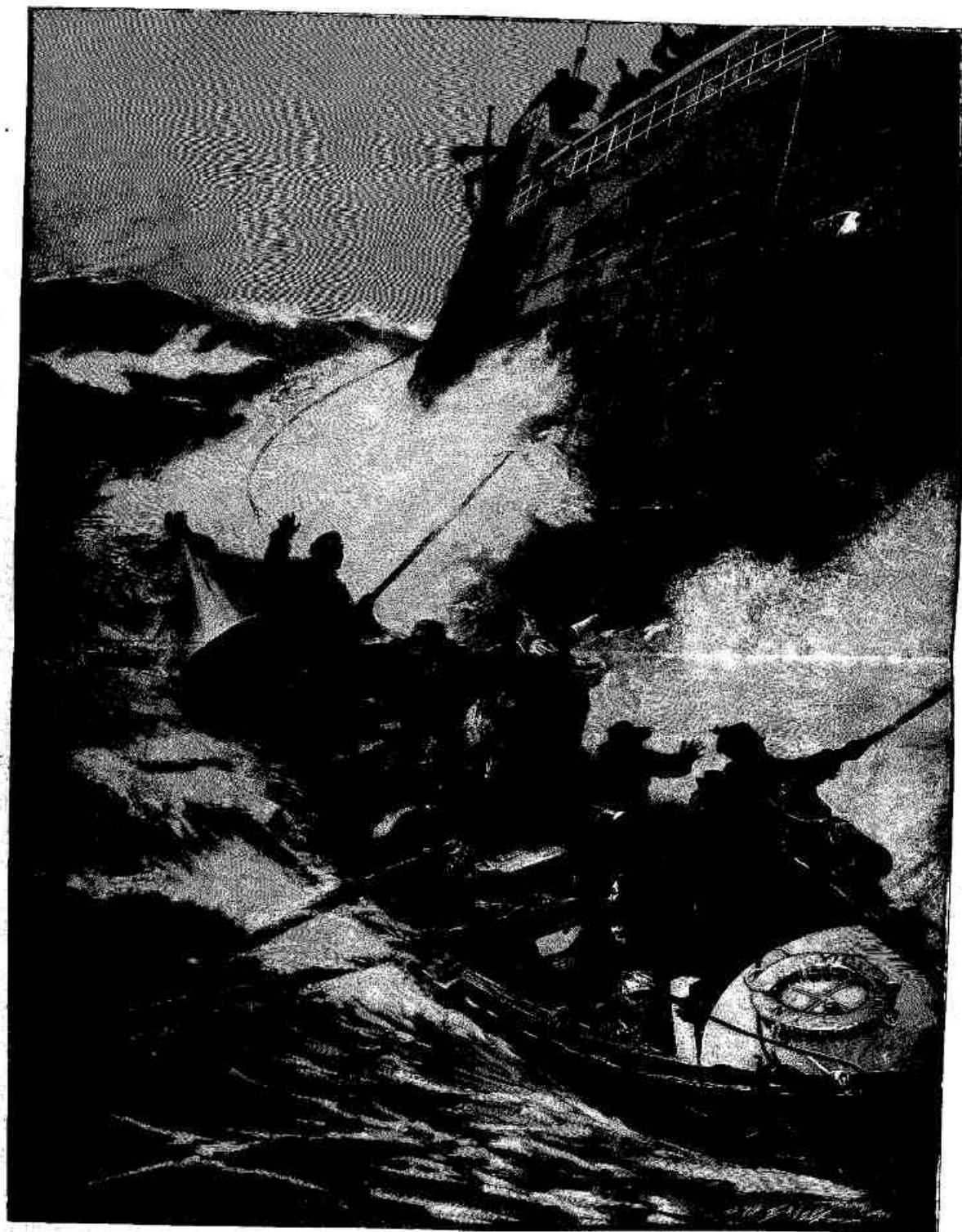
## A CASACA DE PALMAS VERDES

ESSA manhã era uma verdadeira manhã de festa para o escultor Guillardin. Tendo sido nomeado, na véspera, membro do Instituto, ia estreiar perante cinco academias, reunidas em sessão solene, a sua farda de académico, unha bella casaca de palmas verdes, novinha em folha, com bordados côn de esperança. A maravilhosa casaca, prompta a servir, estava colocada nas costas d'uma cadeira de braços e deante d'ella, Guillardin mirava-a envoado, acabando de dar o nó da sua gravata branca.

— Nada de pressas!... — pensava elle. — Tenho muito tempo...

Mas o caso é que se encontrara vestido duas horas mais cedo do que é preciso, e a formosa M.<sup>a</sup> Guillardin — que levava sempre muito tempo a fazer a sua *taillette* — dissera lhe que, especialmente nesse dia, não estaria prompta senão à hora marcada, nem um minuto aantes! Que havia, pois, de fazer o infeliz Guillardin para matar o tempo até lá?

— Vejamos se a casaca me fica bem — disse elle com os seus botões. — E, cuidadosa mente como se pegasse n'um objecto de finas rendas, tirou a preciosissima relíquia das costas da cadeira, e vestindo-a, com mil precauções, foi pôr-se, deante do espelho. Oh! que graciosa figura o crystal reproduziu! Que bello tipo de académico de fresca data, gordo, feliz, risonho, ja meio grisalho, com o ventre saliente e os braços muito curtos, interligados dentro das mangas novas da casaca! Evidentemente satisfeito com a sua pessoa, Guillardin não saiu de deante do espelho, imitando a sua entrada no Instituto, cumprimentando os collegas, sorrindo para elles, tomando *poses* académicas! Todavia ninguém pode passar assim duas horas, defronte d'um espelho. Foi o mesmo que aconteceu ao nosso académico; o homem fatigou-se, e com medo de amarrá-la a casaca, resolreu despir-a e collocá-la de novo nas costas da cadeira. Em seguida sentou-se defronte d'ella do outro lado do fogão; e, estendendo as pernas, com as mãos em cruz sob o collete d'gal, deixou divagar deliciosamente o pensamento, voltando a mi-



UM NAUFRAGIO

QUADRO DE DARVANT. — GRAVURA DE CH. BAUDE.

do os olhos para a sua bela casaca de palmas verdes.

Como o viajante que chega, enfim, ao termo da sua viagem, gosta de se lembrar dos perigos e das dificuldades da jornada, assim Guillardin ia fazendo passar no espírito todas as peripécias da sua vida, anno por anno, desde o dia em que começara a escravatura no atelier Jouffroy. Ah! como fôra rude o princípio da sua carreira! E lembrava-se dos invernos frios como gelo, das noites de insônia, das caminhadas que dera para encontrar o que fazer, das coleras que experimentara, sentindo-se muito pequeno, perdido, desconhecido no meio de uma multidão maranhante, que tudo atropelava, que tudo derubava, que tudo esmagava! E pensar que a elle só, sem protectores, sem fortuna, deve a si viver-se de tudo isso. O talento, unicamente o talento o ajudava! E com o queixoso poisoado no peito, os olhos meio-cerrados, Guillardin repetia muito alto a si mesmo :

— Tudo devo ao meu talento! Só ao meu talento!...

Foi então que uma prolongada gargalhada seca e entrecortada, como o rir d'um velho, o interrompeu subitamente. Guillardin, um pouco atropelado, olhou à volta de si pelo quarto. Estava só, completamente só, em *tête à tête* com a sua casaca de palmas verdes, essa sombra de académico, solenemente desdobrada diante d'ele, do outro lado do fogão! E todavia o rir insolente continuava sempre. Então, examinando com mais cautela, o escultor reparou que a sua casaca de palmas verdes não estava no lugar em que elle a tinha posto, mas realmente sentada, com as abas levantadas, as mangas apoiadas nos braços da cadeira e o peito volumoso, com toda a apparencia de vida. Coisa inacreditável: era a casaca que se estava a rir. Sim, sim! era essa singular casaca de palmas verdes que soltava as gargalhadas que o agitavam, que o sacudiam; e parecia-lhe que as abas da farda se mechiam e que as duas mangas caíam para os lados, extenuadas, ao terminar essas gargalhadas terríveis. Ao mesmo tempo, uma pequenina voz maliciosa dizia :

— Jesus! que eu arrebatou!

— Que diabo vem a ser isso? perguntou o pobre académico abrindo os olhos.

A mesma voz respondeu, ainda com acento malicioso :

— Sou eu, senhor Guillardin, sou eu, a sua casaca de palmas verdes que o espera para ir à sessão solemne! Peço perdão de ter interrompido tão intempestivamente as suas divagações; mas é realmente exquisito ouvir o falar do seu talento! E tanto que não pude conter-me... Ora vamos: metta a mão na sua consciencia, e veja se o seu talento foi o suficiente para elevar o meu amigo tão depressa e para lhe dar tudo o que tem: honra, posição, fama e fortuna... Então o senhor julga isso possível, amigo Guillardin? Pense um bocadinho, antes de me responder. Pense mais, mais ainda! E responda-me agora. Bem vê que não se atreve a isso.

— Comtudo — gaguejou Guillardin, eu tenho trabalhado muito.

— Sim, muito, muitíssimo. O amigo é um cavador, um operario, um grande trabalhador. O amigo contou os dias à hora, como os cocheiros dos trens de praça. Mas a scemelha, meu caro, a abelha d'ouro que atravessa o cérebro do verdadeiro artista quando fel que o visitou? Nem uma vez só, bem o sabe. E todavia é ella que dá o talento. Ah! eu conheço muitos que trabalham também, de modo bem diverso do senhor, com intelligencia, com toda a febre de saber e que nunca vão de chegar onde o amigo chegou! Vamos, concordemos n'uma coise enquanto estamos sós: o talento do senhor Guillardin consiste todo em ter casado com uma mulher formosa...

— Senhor!... — fez Guillardin, tornando-se muito vermelho.

Mas a voz continuou, sem se perturbar :

— Ora ah! está! A sua indignação ainda me dá mais vontade de rir, porque me prova o que toda a gente sabe, de resto: que o amigo é mais bruto que velhaco... Vá, vá, deixe-se de estar a olhar para mim com olhos de quem come sete. No fim de contas, se o senhor me toca, se me faz uma ruga ou um rascão ser-lhe-á impossível ir à sessão solemne; e olhe que a senhora Guillardin não havia de ficar muito contente com isso. Porque, entim, é a elle que cabe toda a glória do dia de hoje. E' a elle que as cinco academias vão receber logo; e abanço-lhe que se eu fosse ao Instituto os homens d'ella, que é sempre elegante apesar da edade, teria outro sucesso que não tenho indo no seu corpo... Que diabo! amigo Guillardin, é preciso a gente ver estas coisas! Você deve tudo a sua mulher, tudo, a sua casa, os seus quarenta mil francos de rendimento, as suas condecorações, e as suas medalhas...

E levantando a manga bordada, a casaca de palmas verdes apontava ao desgraçado escultor os quadros com diplomas collocados nas paredes do quarto. Depois, como se quizesse, para torturar bem a sua vítima, tomar todos os aspectos, todas as attitudes, essa cruel casaca aproximou-se da chaminé, e inclinando-se para diante na cadeira, com ar confidencial, prô se a falar-lhe familiarmente, como a um camarada antigo :

— Ora dize-me cá, meu velho; parece que te incomoda o que tu tenho dito? E' preciso porém que tu saibas o que todo o mundo sabe. E quem t' o hode dizer, se não for eu? Vamos: pensemos um pouco. Que tinhas tu quando te casaste? Nada. Que foi que tua mulher te trouxe? Zero. Então, como explicas a fortuna que tens? Vais dizer-me outra vez que tens trabalhado muito. Mas, desgraçado, trabalhando dia e noite, com favores, com as encomendas do governo, que não te faltaram depois do teu casamento, tu não chegaste a ganhar nunca mais de quinze mil francos por anno. E pensas que isso chegava para sustentar a tua casa? Lembra-te que a senhora Guillardin foi sempre conhecida como uma mulher elegante, que aparece em toda a parte onde se gasta dinheiro... Pois Deust em bom sei que, encerrado todo o dia no teu atelier, nunca pensaste n'estas coisas. Contavas-te com dizer aos teus amigos que tua mulher, com o que tu ganhavas, ainda fazia as suas economias.

A verdade é que casas e com um d'esses monstros de formosura que se encontram em Paris, uma d'essas mulheres ambiciosas e galantes que sabem governar ao mesmo tempo a sua casa e satisfazer os seus prazeres: A tua pensou comigo: « Meu marido não tem talento, nem fortuna; mas é um excellente homem, coadjuvante, creduloso, e o menos importuno possível. Que elle me deixa gozar tranquilamente, que eu me encarregarei de lhe dar tudo o que lhe faltar. E a partir d'esse dia, o dinheiro, e as encomendas começaram a chover no teu atelier. Depois, uma bela manhã, a senhora Guillardin acarrou a ideia de ser a mulher d'un académico, e foi à sua mão calcada em fina luva que te abriu uma a uma as portas do santuário... Pois que meu velho o que te custou o direito de usares esta casaca de palmas verdes só os teus collegas o podem dizer...

— Mentes, mentes!... gritou Guillardin, estrangulado de indignação.

— Eh! meu amigo! não minto, não... E para te convencescer d'isto não tens mais que olhar bem à roda de ti, quando entreas no Instituto. Verás a malícia no fundo de todos os olhos, e sorrisos em todos os labios, enquanto que à tua passagem se ha de cochichar: « E' este o marido da formosa senhora Guillardin! » Porque tu nunca serás na tua vida senão o marido d'uma mulher bonita...

D'esta vez, Guillardin não teve mão em si. Furioso, levantou-se, e ia lançar as mãos à insolente casaca de palmas verdes para a lançar

ao fogo, quando a porta do quarto se abriu e uma voz conhecida, o velo despertar do seu sono horrível :

— Ah! Então o senhor deixa-se adormecer no fogão, n'um dia d'estes!...

Estava deante d'elle a senhora Guillardin, formosa ainda, apesar de ter o rosto e os olhos exageradamente pintados. Ela mesma pegou na casaca de palmas verdes, e com um sorriso no canto da boca, ajudou o marido a vesti-la, enquanto que o pobre homem, ainda alagado em suor por causa do pesadelo que tivera, respirava aliviado, pensando de si para consigo :

— Que felicidade!... Era um sonho!..

ALPHONSE DAUDET.



OLEO OPHRY. Creme exfoliante para a higiene das mãos. VINAGRE DE TOUZON. Antiseptico. Pó DENTIFRÍCIO. Sótox de Bento, o unico que branqueia e conserva os dentes.

## A REVISTA DAS REVISTAS

### Portugal no século XVI

A armada aprestada em Lisboa no anno de 1588 constava de 150 velas a saber :

Galéas e naus grossas, 65; naus de 700 toneladas, 25; patchos de 70 a 100 toneladas, 19; rauas e galéos, 13; galeazas, 4; galés, 4; coravelas, 10; fuas, 10.

Esta armada tinha 2130 peças de artilharia, sendo 1447 de bronze e as restantes de ferro coado. As munições de guerra constavam de 113700 pôlouros, 3175 quintais de polvora, 11258 quintais de chumbo para arcabuzaria e 11151 quintais de morteiro.

O exercito e mais pessoal que iam n'esta armada e a que se dava ração montava a 300000.

Mantimentos levava a armada 110000 quintais de biscoito; 14160 pipas de vinho; 8000 quintais de toucinho; 3423 quintais de queijo; 8000 quintais de arroz; 6320 quintais de legumes; 11398 cantarlos de azelro; 13860 cantarlos de vinagre; 11860 pipas d'água, etc., etc.

### Novo apparelho de salvação.

Este apparelho, que foi observado na Exposição de Toulon, compõe-se d'um cilindro em cobre vermelho de 10 centímetros de comprido e 7 centímetros de diâmetro, dividido interiormente em duas partes por uma valvula. Um dos compartimentos assim formados contem zinco e o outro ácido chlorídrico.

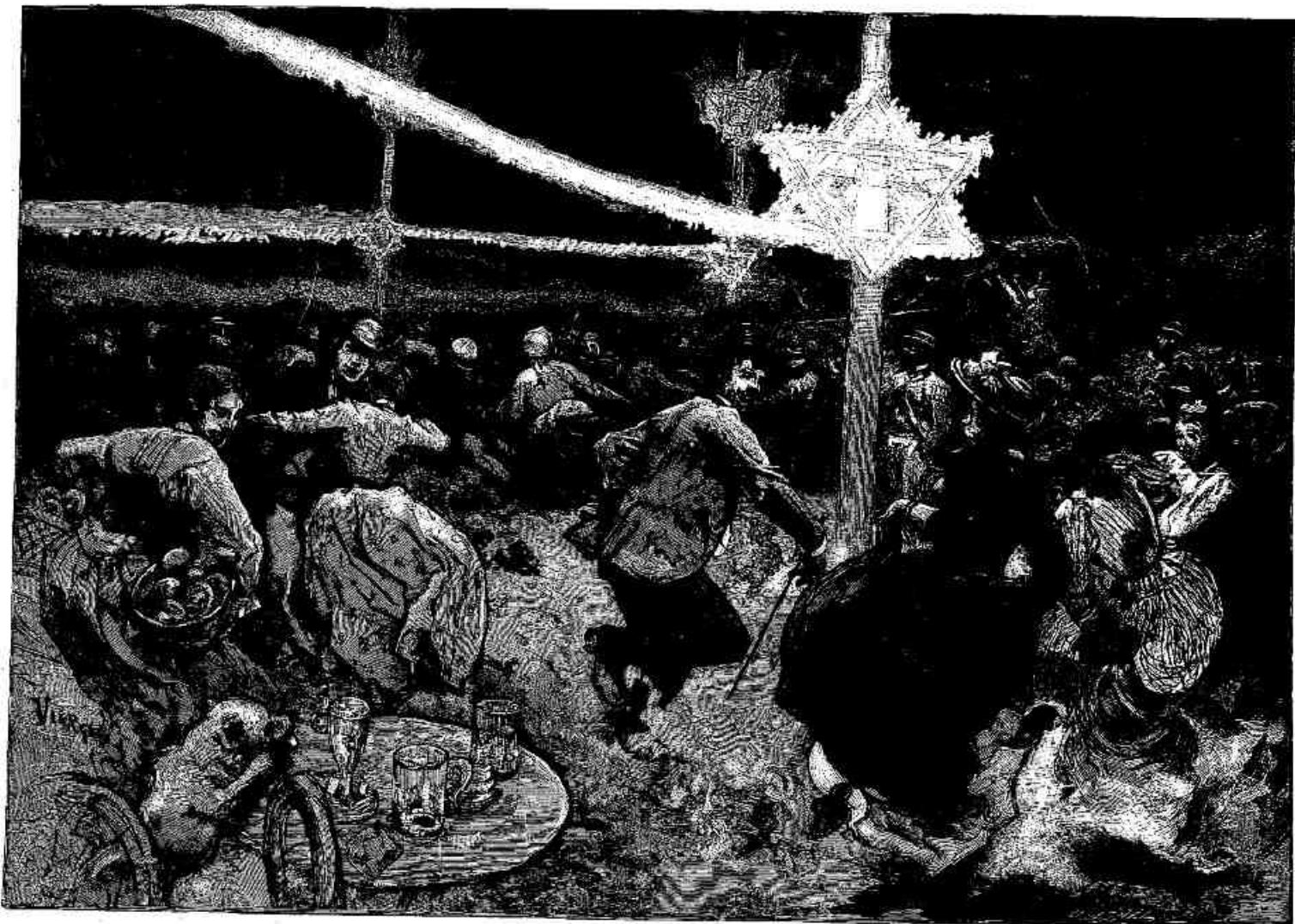
O cilindro traz-se em bandoleira n'uma sacola, e é encadernado n'um tubo de caoutchouc com uma cintura também de caoutchouc que se mette d'adão do collete.

Se a pessoa que traz o apparelho casse à agua, a pressão do líquido basta para fazer abrir uma moia que sustem no seu lugar a valvula interior, e que se abre intô para permitir a chegada do ácido chlorídrico em contacto com o zinco. Ha então uma passagem de hidrogeno que vem encher a cinta de caoutchouc e permite ao naufrágio de se sustentar sobre a agua sem esforço.

### Exportação de vinhos

A exportação dos vinhos portugueses em 1889 foi de 1.474.288 hectolitros no valor de 12.324 contos, sendo :

299.868 hect.	do Porto, valor	6.033 contos
19.028	da Madeira, "	641 "
5.422	de outros vinhos	
	lícos, valor,	74 "
66.492	de vinho com.	
	branco, valor,	291 "
1.085.423	de vinho com.	
	tinto, valor...	5.283 "
1.474.288	valendo .....	12.324 "



O DIA 14 DE JULHO EM PARIS. — Bailes ao an lver nos bairros populares.



NO VERÃO. — QUAIRO DE ROLL. — GRAVURA DE CH. BAUDE.

Em 1895, isto é, quatro annos antes, a exportação torna:

	Contos	Anos	População	Quantidades postas em consumo	Consumo por habitante
Vinho do Porto...	347.892 hect.	1851	32.561.000	9.370.000	287 gr.
" da Madeira...	23.000	1854	34.250.000	14.200.711	414
" commun...	1.130.811	1854	35.783.000	10.704.670	550
		1857	37.386.000	10.477.150	573
		1860	36.100.000	10.781.240	3013
		1863	37.072.000	6.786.746	184
		1866	38.190.000	6.322.700	1787
		1867	38.190.000	6.324.048	170
		1888	60.000.000	17.52	

Vê-se assim que a diminuição n'estes quatro annos foi apenas de 264.983 hectolitros nas quantidades e de 11.33 contos nos valores. É' importante, mas ainda assim não justifica tantos e tão variados questionamentos, como por ahi vemos soltar, de falta d'exportação de vinho português. Oxalá que ella nunca seja inferior à de 1895 e que todos os exportadores busquem acreditar as marcas dos seus produtos ou dos produtos que oferecem ao consumo dos mercados estrangeiros.

A exportação classifica-se assim por destino, por ordem da maior valor:

Iléctilhos.	Coilhos. □ 210	Período de procedimento	1858	1878	1888
Inglaterra □ 223.358	—	—	—	—	—
Francia □ 175.000	4.134	—	—	—	—
Brasil □ 133.000	3126	—	—	—	—
Alemanha □ 5.000	3100	—	—	—	—
Angola □ 1.000	83	—	—	—	—
Uruguai □ 1.000	78	—	—	—	—
Rússia □ 4.000	147	—	—	—	—
Dinamarca □ 6.000	17	—	—	—	—
República Argentina □ 3.500	101	—	—	—	—
Bélgica □ 5.200	75	—	—	—	—
Suecia e Noruega □ 3.700	80	—	—	—	—
Holanda □ 4.800	50	—	—	—	—
Macau e Timor □ 6.800	53	—	—	—	—
Gastos d'embarcações...	405	—	—	—	—
S. Tomé □ 4.700	44	—	—	—	—
Rep. do Brasil □ < 1.700	36	—	—	—	—
Estados Unidos □ 1.500	25	—	—	—	—
Cabo Verde □ 3.700	23	—	—	—	—
India □ 1.500	22	—	—	—	—
Guiné □ 820	18	—	—	—	—
Estado de Congo □ 400	5	—	—	—	—
Peru □ 1.000	1.5	—	—	—	—
Haiti □ 1.000	17	—	—	—	—
Macau e Timor □ 800	1	—	—	—	—
Diversos países...	67	—	—	—	—
Total □ 1.474.788	12.32	—	—	—	—

Tres países apenas nos consumem quantidades notáveis de vinho: Inglaterra, França e Brasil e todos juntos representam 10.300 contos — isto é cerca de 56% de todo a exportação em valor; — depois, d'estes, a Alemanha, que representa como que a décima quinta parte do valor, e os demais países rounhíos, incluindo as nossas colônias, não nos consomem menos de 10% de todo o valor de vinho exportado.

Não haverá n'esta lista que acima apresentámos motivo soberbo para que distribuíssemos melhor a nossa exportação, ampliando algum dos mercados existentes e abrindo novos?

parece-nos que sim. E' não se pense que isso o ha de fazer o thesouro. Se a iniciativa particular não realizar esse propósito, não é o Estado que o ha de conseguir. (Do Economista).

As estatísticas pertencentes à alfândega não permitem dizer exactamente como o consumo francês se partilha entre os diversos centros de produção. Em efeito, os cálculos que temos vêm d'Inglaterra, da Holanda, da Bélgica, de Portugal, sómos quadros do consumo exterior, mentidos na conta d'estes diversos Estados, abstracção feita da sua real origem. Apesar d'esta causa de incerteza, reproduzimos cifras fornecidas pela alfândega nos trez annos de 1868, 1878 e 1888:

1868	1878	1888	anos	22
1868	1878	1888	anos	22
1868	1878	1888	anos	22
1868	1878	1888	anos	22
1868	1878	1888	anos	22

Resulta, causa singular, que aquelles que não bebem alcálol atingem a edade menos avançada; a seguir os bebadez que não passam muito adiante. A edade mais avançada é a das que bebem moderadamente.

N'um segundo relatório, a comissão determinou a edade media d'estas cinco categorias, excluindo do seu cálculo as edades para cima do 30 annos.

Eis aqui os resultados obtidos:

1868	1878	1888	anos	31
1868	1878	1888	anos	31
1868	1878	1888	anos	31
1868	1878	1888	anos	31
1868	1878	1888	anos	31

As cifras confirmam as precedentes, com a exceção que os bebadez propriamente ditos vivem menos tempo que aquelles que se privam absolutamente. A vantagem fica n'esto relatório aquelles que usam moderadamente do perigoso líquido.

#### As vinhas gigantes.

A Ossium, na Austria, um congresso de botanistas assignou a existência de uma vide que, pela sua grandezza extraordinária e pela sua portentosa produtividade, pode ser considerada como um verdadeiro *phenômeno*.

esta vide produz cerca de 700 uvas e, para sostener os ramos cujas cachos tem de bagos enormes, fez empregar 32 paus.

A vide, a bela planta tão flexível e graciosa, atinge muitas vezes proporções fabulosas. E' assim que a botânica registrou algumas vides gigantescas, maravilhas do mundo vegetal.

As vides da Missão foram plantadas pelos missionários jesuíticos nos Estados Unidos. A primeira cobre uma área de 10.000 metros quadrados, produz regularmente 11.000 libras de uvas magníficas, cujo peso é de 5 a 6 libras.

A segundo vido do Missão da muitas esperanças ao seu proprietário, visto que plantada ha uns 25 annos, produz desde já 300 libras de uvas. A circunferência da planta é de 130 centímetros, medida a um metro acima de solo. N'esta altura o tronco divide-se em ramos cuja largura é, em certos pontos, de 56 pés.

Passando dos Estados Unidos para a Inglaterra, achamos n'este país duas vinhas celebres nos fastos do botânico: a vide de Hampton Court admirada por todos os turistas que visitam Londres; e a vide de Cumberland Lodge no parco de Windsor, produzindo anualmente 2000 libras de uvas.

Eis agora a afamada vide de Cochinchina de que tanto se fala. Tem uma altura de 50 metros, dando enormes e gustosas fructas. Não se sabe porém se esta vide portentosa pode ser cultivada e acclimatada na Europa, produzindo um vinho capaz de rivalizar com os produtos das plantas de Portugal.

#### A colheita do trigo em 1889

Eis aqui, segundo os relatórios fornecidos pelo Bullfinch da Hull, o estatuto da colheita do trigo em França de 1889:

Norte	1.246.000	hectolitros.
Red. Estrela	38.245.700	—
Questa	16.000.000	—
Costeiro	12.491.675	—
Este	12.212.800	—
S. do Este	8.172.050	—
Sul	5.403.555	—
S. do Este	6.310.087	—
Costeiro	1.421.400	—

Total em 1889... 112.407.302  
Contro em 1888... 89.274.828  
Em favor de 1889... +713.5254

**A PASTA DENTIFRÍCIA DE BOTOT**  
VENDERÉM OS TODOS AS PRIMERAS CASAS  
Li no diário geral da La  
**UNICA VERDADERA ÁGUA DE BOTOT**  
PARIS — 17, Rue de la Paix, 17 — PARIS

O consumo do café e do chá em França  
O café, que a França não produz, tornou-se em França um antigo costume de consumo, seja no ponto de vista alimentar, seja no ponto de vista fiscal, o seu lugar já marcou no lado das principais bebidas indígenas. Eis aqui segundo as cifras tomadas no *Bulletin de statistique*, qual foi o consumo médio de café por cada habitante:

O ensino francês na Tunísia

Sabe-se que um dos primeiros cuidados do governo francês foi organizar ou de-enrolar o ensino primário na Tunísia. Achamos n'um relatório do sr. Machael, director do ensino na Tunísia, interessantes detalhes sobre este serviço.

O primeiro estabelecimento escolar francês de Tunís, de alguma importância foi fundado, em 1845, pelo abade Bourgada. Era frequentado pelas crianças de todos as nacionalidades e de todas as religiões. A instrução era a mesma para todos os alunos.

Em 1883, os estabelecimentos escolares da Regência, nos quais a língua francesa formava a base do ensino, eram no numero de 14 no momento onde o governo creou uma direcção de ensino publico. Vinte destes estabelecimentos eram dirigidos por congregacionistas; os outros quatro (o colégio Sadiki e as tres escolas da Aliança israelita) eram confiados a professores leigos.

Nenhum destes recebia a subvenção do governo local, que não exerceia sobre elles vigilância alguma. Conta-se em Tunísia, no 31 de janeiro de 1889, 62 estabelecimentos escolares públicos ou privados, sendo ao dirigidos por congregacionistas e 47 confiados a mestres leigos.

Não ha hoje uma só localidade encorrendo um grupo d'Européus ainda que pouco importante que não seja dotada d'uma ou dalgumas escolas fran-

cezas. Ainda que os centros indígenas sejam igualmente povoados.

De 24 de setembro de 1888, data da entrada nas classes, no 31 de janeiro de 1889, o numero dos alunos inscriptos sobre os livros da matrícula foi de:

Para as escolas públicas, de.....	6.079
Para as escolas privadas, de.....	2.513

Total.....	9.592
------------	-------

NOS BANHOS DO MAR!

Para destruir a penugem dos braços e das pernas, recommendamos-las nossas leituras a **PELIVORA** cujos efeitos são realmente maravilhosos. Nalguns instantes esta vegetação, tão desagradosa n'uma senhora, desaparece e a pelle torna-se d'uma brancura de neve.

Escrever ao inventor **M. DUSSEUR**, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, Paris, que a expede franco em todo o Portugal contra um vale do correio de 21 francos 75 centimos.

**PARFUMERIA MEDICIS** Essencias, sabonetes, nectares, pós, etc. OGER, 6, Boulevard de Strasbourg, Paris.

NÃO ESPEREM...

Um dente tendo perdido da sua subtenacia, a qualquer causa que seja devida, é absolutamente impossivel de dar-lhe a sua primitiva integridade. Quando muito, no caso de carie, podeis sustentar os progressos da doença!

O verdadeiro tratamento das molestias dentarias é impedir que se produzam. Tal é o fim, sempre alcançado, do **Elixir dentríficio dos R. R. P. P. Beneficiários da Abundia de Souline**. Graças ao uso quotidiano d'este precioso elixir, evitareis e conservareis um halito puro e fresco, tal como deve ser quando buracos multiplos cavados nos dentes e os tumores incisivos que são a sua consequencia não venham misturar as suas exhalacões morbidas.

Agente geral: **A. Seguin, Bourdeaux**.

Preço de venda em França, **Elixir: 2, 4, 8, 12 e 20 fr.**

Preço de venda em França, **Pós: 1,25 e 3 fr.**

Preço de venda em França, **Pate: 1,25 e 2 fr.**

Encontra-se em todos os Perfumistas, Cabeleireiros, Pharmaceuticos, Droguistas, Retrozeiros, etc.

**SULFURINE** OU BANHO SEM CHEIRO SULFURÍFICO

O banho de Sulfurine posse exacto as propriedades do banho sulfuroso-ordinário, chamado **Banheiros**, com a vantagem de não ter cheiro, e que, não alterando nem os metes, nem as pinturas, pode ser tomado em casa e em todas as espécies de banheiras.

A sua ação estimulante, tonica e reconstituente, as suas boas propriedades notáveis no tratamento da ANEMIA, do BHEM (hemato da GOTTA) e das AFFECTIONES CUTANÉAS, o banho de **Sulfurine** junta a de adorar a pelle e de lhe comunicar uma grande alvura ao mesmo tempo que uma docilidade extrema. Em todas as Pharmacias.

**GROS** — 11, Rue de la Paix, PARIS

ESPARTILHOS

LÉOTY

adoptados pelo

high-life

parisienas.

8, P. de la Madeleine

PARIS

**"L'INCOMPARABLE" LAMPADA de ALGIBEIRA** 1 Cais completa: 3fr. 95  
MARTAIN, 19, Rue d'Enghien, PARIS

**CALLIFLORE PATE AGNEL**

*Amigdalina & Glycerina*

Este excellent Cosmético brinque amacia a pelle, preserva do Cielo, Irritações & Comícidas tornando-a aveludada; pelo que resiste as mãos do sol e transparencia as unhas.

**AGNEL, Fabricante de Perfumes, em PARIS**

FABRICA & EXPEDIÇÕES: 16, AVENUE DE L'OPERA

B nos suoi Seis Casas de servis por mundo nos barrios mais ricos de Paris.

LISBOA. — MM. V. DE CASTANHO JOSÉ DA COSTA & F. — 11, Rua Nova do Carmo, 60 e 72.

**FERRO QUEVENNE**

Enta e provvedor da Academia de Medicina de Paris.

Quia ANEMIA, Pobreza do Sangue, Perdas, Dores e Estomago. — 10 annos de successo.

Está em cada frasco de Ferro Quevenne o seu da "União dos FARMACISTAS", 14, r. Beaus-Arts, Paris.



**Alimento Crianças**

Para reponer a fraqueza das crianças, desviver-las das forças e preservar-las das doenças das etades suaves, os principais Medicos de Paris, membros da Academia de Medicina de Paris, recomenda com optimo sucesso o **ALIMENTO**.

Encontrar-se em Pharmacia de Delangre, 1, de Paris.

Este agudo devorador de carne é muito em place para as crianças, que com ele se nutrem com grande satisfação, e, pelas suas propriedades analépticas melhora a constituição do leite das súboras que amamentam, e acorda de forças languides do estomago.

28, Rue Tiração, Paris. Depósito nas Pharmacias do Mundo todo.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FARMACIA PARIS, 13, rue d'Enghien, 13, PARIS

Depósito em todas as Pharmacias, Perfumarias e Cabeleireiros do America.

EDALMA D'ORNA 1982 MEDALHA PRÓMEO 1900 MEDALHA D'ORNO 1900

EDALMA D'ORNO 1900 MEDALHA D'ORNO 1900

Novas medalhas

ORGÃOS HARMONIUMS D'ORNO 1900 PRIM. 15 LITROS 40.000 FRANCOS (300 LITROS)

EXPEDE-SE-FRANCO A QUEM O PEDIR

O Catalogo Ilustrado

**ASTHMA E CATARRHO**  
Curados com os CIGARROS ESPIC  
Em França 21. e CAIXA  
Em Portugal, Tenerife, Compradores, "Revendadores"  
Em todos os Pharmacias de Portugal e de Brasil — PARIS. Venda por grama.  
A. 1900, Rue de Lutte, 10. Envio este anúncio para o seu Cigarrero

**BISMUTHO**

ALBUMINOSO BOILLE contra  
dysenteria, diarréa, gastralgias, acides.

**GRÃOS** e BROMHYDRATO de QUININA BOILLE contra nevralgias, Gota. — 14, r. Babos-Art, PARIS, o Phis.

**SUSPENSORIOS MILLERET**, elasticos sem passadeiras. **Le Gonidec**, 13, r. Etienne-Marcel, PARIS

THEATROS DE PARIS

ESPECTACULOS DE MAIOR SUCESSO

**Français.** — *François le Champi*. — *Les Petits Oiseaux*.

**Châtelot.** — *Orient-Express*.

**Renaissance.** — *Le Lycée de Jeunes filles*.

**Boîtes-Parisiens.** — *Les 28 Jours de Pierrot*. — *L'Enfant prodigue*.

**Menus-Plaisirs.** — *En Voisin*. — *L'Œil Crevé*, Cluny. — *Disparu*. — *Les Noces d'un Réserviste*.

**L'Hippodrome.** — *Grande Pantomima*: *Jeanne d'Arc*.

**L'Hippodrome.** O mais extraordinario espectaculo da estação parisiense.

**Moulin-Rouge.** — *Todas as tardes, bailes*. — *Quartas-feiras e sábados, grandes festas de noite*.

# PÂTE ÉPILATOIRE DUSSER

La boîte (*Grand Modèle*), pour la lèvre, le menton et les joues. 20<sup>f</sup>  
La demi-boîte (*Petit Modèle*) spéciale pour une légère moustache. 10<sup>f</sup>

# PILIVORE, DÉPILATOIRE SPÉCIAL POUR LES BRAS

DUSSER, INVENTEUR, 1, Rue Jean-Jacques Rousseau, PARIS.

# **GUERLAIN DE PARIS**

15, rue de la Paix — ARTICLES RECOMMANDÉS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Agua de Colonia Imperial. — *Napocett*, cincuenta de londres. — *Cromo Isacben* (*Amberol Cromo*), para a barba. — *Cromoderm Movantos*, para amaciçar a pele. — *Polo* (*Typia*), para desodorizar a cutis. — *Albion*, cristalizado, para o cabello e barba. — Agua *Antiseptica* e agua *Antiflaz* para perfumar a literatura, cigarros, *Maria Christina*. — *Pau Rosa*. — *Batholene* do *Clister*. — *Heliotropo Brason*. — *Eugenio de Paris*. — *Imperial Russo*. — *Imperial do Brasil*, para o longo. — Agua de Colonia Imperial Russo. — Agua de *Chile* e agua de *Chiper* para o toucador. — *Acocato de Cachearia*, para a lida.

## ***Mudança de Domicílio***

# PERFUMARIA-ORIZA

L. LEGRAND- de PARIZ.

11, Place de la Madeleine, (n° 207, Rue St-Honoré) PARIS

#### PRODUCTOS RECOMENDADOS

SABONETE ORIÁ NAC/21 ORIZALINA - União Industrial 3

RIZA | Bellinzona | CH  
CITER | 1990 | CH

**ORIZA-OLEO** | Anseio dos óleos vegetais. **ORIZA-POWDER** | pó da arroz avalanchado.

**Última Novidade**  
Produtos especiais De VIOLETA da CZAR.  
**ESS-ORIZA SOLIDIFICADO**, debaixo da forma de Lápis e Pustilhos de 12 Cheiros.  
A variação em todos os estabelecimentos e casas de Perfumarias.

*Em todos os Perfumistas e Cabeleireiros  
de França e do Extrangeiro.*

#### 30. France & 30. Extrangero

**VELOUTINE**  
Po d'Amour  
especial  
PREPARADO COM INSUMOS  
Por CH<sup>AS</sup> FAY, Perfumista  
8, rue de la Paix, PARIS

## DIGESTÕES FÍSICAS

## **DIGESTÕES E LIXICÍCIOS** **DOENÇAS do ESTOMAGO**

## GASTRALGIA ANEMIA

**7** *Vomitos*  
*Diarrhea*

**Dyspepsia** **ELIXIR GREZ** **ANEMIA**  
**Perda** **TONICO - DIGESTIVO** **Vomitos**  
**Appetite** **QUINA, COCOA, PEPSEINA**  
NOVAFAR IN TODOS OS HOSPITAIS - Medalha de Ouro e Diploma de Honra  
PARIS - GREZ - 7<sup>me</sup> rue de la Bruyère, e em todas as Farmácias

# LA CHARMERESSE

**Pô refrigerante, o non pô nitro dos pôs de belasas.** A composição absolutamente nova no ponto de vista de higiene, e com um perfume perfeita harmonia. Fazem recomendações o seu uso para Planos, berlins de lona, instalações de banhos, etc., e descrevem a desinfecção da casa e da desinfecção como perfeita tonificante, estimulante, antidiarréica, antituberculosa, antiseptica, vermífuga, etc. **Dr. J. L. Kostaneck, etc., Paris.** — **Em Lisboa:** **COOPER**, Rua Garrett, 81; **BERNARD**, Haddock, 176; **ESTACIO** de Cia, Praça do Dr. Faoro (Rossi), 1, nas marinas portuguesas de **Lisboa**.

Le Gérant : P. Mauvaise

PARIS.— IMPRENSA DE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.